



A percepção social sobre a educação agroecológica nos cursos de Ciências Agrárias da UFRN: disputas por estados de consciência na Escola Agrícola de Jundiá

The social perception concerning the agroecological education in the UFRN's agrarian sciences courses: contests for the state of consciousness in the Escola Agrícola de Jundiá

QUEIROZ Jr., Francisco¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, chicoqueiroz@ufrn.edu.br

MORAIS, Pedro¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pedrolucas_moura@hotmail.com

ROZENDO, Cimone¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cimone.rozendo@gmail.com

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Este trabalho parte de pesquisa em andamento sobre dinâmicas de ensino e educação agroecológicas na Escola Agrícola de Jundiá (EAJ) para compreender como se estabelece a discussão sobre a transição agroecológica e como docentes e discentes percebem a aplicação desses saberes e práticas. Reflete sobre as práticas e representações de setores dominantes; disputas por momentos de consciência; o papel da sociedade civil no embate discursivo entre o Fazer Agroecológico e a hegemonia do agronegócio. Utiliza do método de entrevistas semiestruturadas com agricultores de Natal e região metropolitana, e professores da EAJ; e analisa produção acadêmica sobre o tema. Observa que, após longo e contínuo processo de luta agroecológica pela democratização da extensão rural, há significativas contribuições para a construção de novos horizontes na relação entre sociedade e natureza. Vê a sociedade civil não apenas como palco da luta de classes, mas também sendo ela própria luta com origem de classe. Logo, quanto ao embate pela dominação de hegemonia na disputa Agroecologia-Agronegócio, a consciência coletiva é forjada no solo da socialização concreta dos agentes envolvidos.

Palavras-chave: Agroecologia; pedagogia; extensão rural; hegemonia.

Keywords: Agroecology; rural extension; pedagogy; hegemony.

Introdução

Este trabalho se propõe a observar as dinâmicas de ensino e educação agroecológicas nos cursos da Escola Agrícola de Jundiá (EAJ), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para compreender como se estabelece a discussão sobre a transição agroecológica na instituição e qual é a percepção dos seus docentes e discentes sobre a aplicação desses saberes e práticas. Analisa, assim, o tipo de sociabilidade que essa instituição produz, dentro e fora de seus muros. O estudo parte de uma reflexão radical – no sentido de se observar a raiz da problemática – acerca do conjunto de práticas e representações de setores dominantes, de disputas por momentos de consciência e do papel da sociedade civil no embate discursivo entre o “Fazer Agroecológico” e a “prática hegemônica do agronegócio”.



Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Agrícola de Jundiáí – Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, criada pela Lei nº 202, de dezembro de 1949,¹ como "Escola Prática de Agricultura", localizada na antiga Fazenda Jundiáí, a 3Km da sede do município de Macaíba e a 25 Km de Natal. Ainda, consoante às informações fornecidas pela instituição,² a EAJ “é definida nos termos do Art. 9º do Estatuto da UFRN, como unidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão em Ciências Agrárias, e visa a integração entre as suas várias sub-áreas de conhecimento mediante aperfeiçoamento do ensino prestado, o que requer estruturação de bases e grupos e pesquisas voltados especialmente ao desenvolvimento tecnológico das cadeias produtivas agroalimentares e agroindustriais”. Ademais, participam também das entrevistas agricultoras(es) familiares da Central de Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária (CECAFES/RN), inaugurada em 27 de março de 2017³ e localizada nas esquinas das avenidas Jaguarari e Capitão Mor Gouveia em Lagoa Nova (Natal/RN), a qual abriga diversos empreendimentos econômico solidários e cooperativas do Rio Grande do Norte. O trabalho tem como referencial teórico autores como Fontes (2010), Mendonça (1997) e Nogueira (2003), e, ainda, utiliza a metodologia de entrevistas semiestruturadas com: a) agricultoras(es) de Natal e região metropolitana que fazem parte da Cecaferes e que têm contato com o saber agroecológico; e b) professores da Escola Agrícola envolvidos em disciplinas e projetos de extensão rural agroecológica. Também busca analisar a produção acadêmica relacionada ao assunto.

Resultados e Discussão

Nesse sentido, após algumas idas a campo, já se constata a ineficiência de se analisar a problemática apenas sob uma perspectiva dual entre as categorias agronegócio e agroecologia. Consoante Nogueira (2003) e com o intuito de fugir desse maniqueísmo, leva em consideração a existência de um híbrido, um suposto posicionamento “neutro” entre os dois extremos. Assim, durante as entrevistas, surge um discurso até então não posto em foco: a ideia de se atrelar o desenvolvimento econômico com a sustentabilidade, o chamado “capitalismo verde”, que ganha voz e força neste momento de crise do capitalismo mundial, em que se buscam novas formas de acumulação – no caso, o acúmulo de bens naturais; um crescente interesse em capitalizar bens de uso comum. No entanto, mesmo após uma breve análise das entrevistas, fica claro que alguns dos próprios docentes à

¹ Segundo informações obtidas no *site* da Escola Agrícola. Disponível em: <<http://www.eaj.ufrn.br/site/>> . Acesso em: 10 de junho de 2018.

² Disponível em: < <http://www.eaj.ufrn.br/site/>> . Acesso em: 10 de junho de 2018.

³ Segundo informações obtidas através da Rede Xique Xique, no *site* Cirandas. Disponível em: < <https://cirandas.net/redexiquexique/noticias/cecafes-fortalece-agricultura-familiar-e-economia-solidaria-no-rn/>> . Acesso em: 10 de junho de 2018.



frente de disciplinas ditas agroecológicas ministram, na verdade, cursos voltados exclusivamente à visão produtivista-exploratória, chegando mesmo a dizer que “é o agronegócio que movimenta este país”, um nítido exemplo da funcionalidade desse discurso aos interesses do capital e de sua influência na geração de demandas – quando o capital não tem interesse em algo, acadêmicos burocráticos também não o têm. Logo, começa a ficar claro o caráter falacioso desse discurso, que, de forma ideológica, serve para reforçar o aparato político autoritário que rege essa agricultura científica e mecanizada que busca redesenhar o cenário agrário brasileiro de cima para baixo (MENDONÇA, 1997). Nessa perspectiva, numa análise de dados fornecidos pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), constata-se que a EAJ apresenta quantidade insatisfatória de disciplinas sobre agroecologia (apenas cinco, distribuídas em três cursos), quadro reduzido de docentes que atuam na área e pequena quantidade de projetos de pesquisa e extensão (dezessete cadastrados, somente um em andamento) sobre o assunto.

CURSOS	DISCIPLINAS
Engenharia Agrônômica	AGROECOLOGIA E AGRICULTURA ORGÂNICA (60h); SISTEMAS AGROFLORESTAIS (45h); SISTEMAS AGROSILVOPASTORIS (45h).
Engenharia Florestal	AGROECOLOGIA E AGRICULTURA ORGÂNICA (45h); SISTEMAS AGROFLORESTAIS (60h).
Zootecnia	AGRICULTURA FAMILIAR (30h), SISTEMAS AGROSILVOPASTORIS (45h).

Quadro 1. Disciplinas agroecológicas separadas por curso
Fonte: elaborado a partir de dados obtidos via sigaa.ufrn.edu.br.
 Acesso em: 30 de nov. de 2018.

Observa, também nas feiras, agricultores familiares que reproduzem esse discurso do capital e fazem defesa do agronegócio e da agricultura convencional, colocando-o como “única saída/maneira” de se fazer agricultura. Numa retomada das categorias de análise propostas por Fontes (2010), vem à tona a ideia de que a luta pela conquista da hegemonia enraíza-se no solo concreto da diferenciação de classe, e questiona para que tipo de sociabilidade forma a sociedade civil, em que indivíduos que ocupam posições hierárquicas distintas, detentores de capitais sociais e culturais distintos, reproduzem aparelhos discursivos tão similares. Ademais, há também quem advogue pela agroecologia num constante embate pelo domínio de estados de consciência, a exemplo de uma aluna entrevistada, a qual critica, nos cursos de Ciências Agrárias, o enfoque metodológico na área de produção, que encara a extensão rural como um espaço para a valorização mercantil e desconsidera, em boa parte, perspectivas preservacionistas plurais e necessárias, ao se pensar a relação de convivência com o semiárido nordestino. O posicionamento dessa aluna é exemplo da crucialidade da dialética temporal – as idas e vindas no tempo, uma vez que, segundo pesquisa realizada no Sistema



Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa)/UFRN, na última década, o número de produções e projetos de pesquisa voltados ao estado da arte da agroecologia vem aumentando consideravelmente, e destaca a existência de espaços institucionais para a discussão do tema; um palco crescente para a insurgência de discursos contra-hegemônicos.

Conclusões

A pesquisa, até o presente momento, permitiu observar que, após um longo (e contínuo) processo de luta agroecológica pela democratização da extensão rural, há significativas contribuições para a construção de novos horizontes de relacionamento entre sociedade e natureza. Encara a sociedade civil não apenas como palco da luta de classes, mas também sendo ela própria luta e, ainda, com origem de classe. Nesse sentido, no que concerne ao embate pela dominação de hegemonia na disputa Agroecologia-Agronegócio, a consciência coletiva é forjada no solo da socialização concreta tanto de indivíduos inseridos na EAJ quanto de produtoras(es) rurais sujeitos deste estudo, cujos discursos e percepções foram objeto de análise, ora realizadas.

Referências bibliográficas

CIRANDAS, a rede social da e para a economia solidária. Disponível em: <<https://cirandas.net/>>

ESCOLA AGRÍCOLA DE JUNDIAÍ, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.eaj.ufrn.br/site/>>.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O ruralismo brasileiro (1888 – 1931)**. Hucitec, São Paulo, 1997.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Sociedade civil, entre o político-estatal e o universo gerencial**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2003, vol.18, n.52, pp.185-202. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000200010>.

SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://sigaa.ufrn.br>>.